

## RESENHA | BOOK REVIEW

### *Caderno Italiano*, de Boris Schnaiderman

SCHNAIDERMAN, B. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Berta Waldman\*

Reescrever um livro e publicá-lo duas vezes é uma ocorrência rara na História da Literatura. No caso em questão, trata-se de dois livros com o mesmo objetivo, mas resultando em relatos diversos. Isso ocorre com Boris Schnaiderman, que apresenta sua experiência de participação na Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a II Guerra Mundial em forma de ficção, na terceira pessoa, em *Guerra em Surdina* (2004) e, muitos anos depois, na primeira pessoa, no recém-publicado *Caderno Italiano* (2015).

A mudança de foco carrega consequências importantes, pois são postas de lado as máscaras, e o objeto do relato é encarado sem subterfúgios em um texto que considera a experiência e o sujeito da experiência, aproximando, conseqüentemente, o leitor do acontecido ao mesmo tempo que amplia a credibilidade do narrador/autor. Afinal, é ele, em primeiro plano, que passa a contar seu envolvimento no conflito. A guerra aconteceu, o Brasil participou dela e Boris Schnaiderman foi um dos pracinhas enviados para lutar na Itália. Mas, o que move o autor a retomar a mesma experiência em chave diversa?

Com certeza, sua intenção foi a de ressaltar o lastro da experiência vivida através de um olhar direto e, assim, aproximar o leitor do acontecido com o ganho em credibilidade alcançado graças à utilização da primeira pessoa, capaz de recuperar uma vivência sem subterfúgios. O sentimento de insatisfação em relação ao relato romanceado, a eleição de um olhar que aponta direto ao que interessa não deixa de ser uma correção de rota, embora o modo como esse sujeito se apresenta seja complexo por natureza.

Formado em Agronomia, atuou durante muitos anos como professor de literatura russa na Universidade de São Paulo. Tradutor de destaque, introduziu no Brasil poetas e prosadores

---

\* Professora de Literatura Hebraica na Universidade de São Paulo.

russos da maior importância, além de ter fundado a área de russo na Universidade de São Paulo (USP), que é hoje parte do departamento de Letras Orientais. Atuante em diferentes campos do conhecimento, Boris Schnaiderman é um estudioso polímorfo: “agrônomo do asfalto”, de “livrarias”, atento às artes em geral e à literatura em particular. “Um pacifista no *front*” que, ao contrário dos que fugiam da guerra, fez um esforço para dela participar. Foi com júbilo que, numa manhã de 1944, leu seu nome na relação dos pracinhas convocados. À data, o Holocausto dos judeus ainda era camuflado; a posição do Brasil no combate era ambígua e abria brecha para a adesão do país às forças fascistas, conforme se podia depreender dos discursos de Getúlio Vargas. A decepção com o comunismo depois que a Alemanha e a União Soviética assinaram um pacto de não agressão, em 1939, abate o autor. Pouco depois, os alemães invadiram a Polônia, dando início à Segunda Guerra. Boris Schnaiderman passou mais de um ano na Itália (entre 1944 e 1945), atuando como calculador de tiro de artilharia. Participou do ataque ao Monte Castello (norte da Itália), a mais simbólica batalha brasileira na guerra. Após algumas derrotas, os brasileiros venceram a resistência alemã e conquistaram o Monte em fevereiro de 1945. A vitória foi uma surpresa para o autor, que conta, no livro, ter ficado mais de 48 horas ininterruptas fazendo cálculo de tiro, na ocasião.

A decepção, o choque de realidade que Boris Schnaiderman vai apresentando ao leitor em diferentes momentos da guerra, são marcantes. Ele se refere, por exemplo, a episódios que esbarram na ação conjunta entre soviéticos e nazistas. É o caso da partilha da Polônia entre os dois grupos, no início da II Guerra Mundial. Foi preciso passarem muitos anos para que se conhecesse a amplitude do massacre de Katyn, com a eliminação dos oficiais do exército polonês, aprisionados pelos russos, num total de milhares (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 156). Outro episódio chocante foi a ocupação da Noruega pelos nazistas, quando o autor soube que Knut Hamsun havia manifestado seu apoio aos invasores e ao governo fantoche de Quisling, pois *Fome*, obra do escritor norueguês, era um dos livros de cabeceira de Schnaiderman (Ibid., 156). Não fazia sentido que a obra que ele lia como sendo de protesto tivesse seu autor do lado dos nazistas. Também Tchékhev, lembra Schnaiderman, tinha manifestado seu entusiasmo pelo autor numa época em que era mal conhecido até em sua pátria, e, numa carta ao romancista norueguês, Górkí escrevia: “Digo-lhe com toda a sinceridade, o senhor é o maior artista da Europa, não existe em nenhum país alguém que seja seu igual.” (Ibid., 157).

São contagiantes e plenos de sensibilidade os momentos protagonizados pelo povo brasileiro, recordados pelo autor. Encostado na amurada do navio, ele observa um grupo formado na proa: um conjunto de mulatos de morro carioca empunhava seus violões com jeito profissional. Eles entoam um samba de Herivelto Martins:

Odete ouve o meu lamento,  
lamento de um coração magado...

O que terá acontecido com eles? Terão sobrevivido às investidas insanas contra os alemães de Monte Castelo? A nota de tristeza que vem da música contamina o autor que demonstra uma admiração profunda pelo homem do povo, que entoia seu canto em momentos sempre oportunos.

Outra lembrança que merece destaque diz respeito à identificação do soldado da FEB com a população civil numa hora do rancho. O caldeirão fumegante à sombra de uma árvore, uma fila de praças de marmitta na mão, e, do outro lado, uma população miserável, que incluía crianças maltrapilhas, com os olhos acesos dirigidos para o caldeirão. Os soldados enchiam a marmitta e a entregavam aos populares que assistiam à cena.

Em seguida, o autor lembra-se do filme dirigido por Roberto Rossellini, *Roma, Cidade Aberta*, que deixa nele profunda impressão. Mas o irmão de seu pai, o tio Isaac, faz um comentário desfavorável do mesmo filme: “certamente, ele exagera, é uma fantasia, eu não acredito na tão apregoada resistência dos italianos ao fascismo.” (SCHNAIDERMAN, 2015).

Apesar de Schnaiderman ter visto os partisanos lutando do seu lado, ouviu o tio dizer o contrário e sabia que não adiantava replicar. Afinal, qual o limite entre fato histórico e ficção? Não será essa a questão que subjaz nas duas versões sobre a II Guerra elaboradas por esse peculiar autor?

## Referências

- SCHNAIDERMAN, B. *Guerra em Surdina*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.